

<b>Página 1</b>  29-10-2009	Periodicidade:	<b>Diária</b>	Temática:	<b>Internacional</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>300</b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>0</b>	Página (s):	<b>14</b>



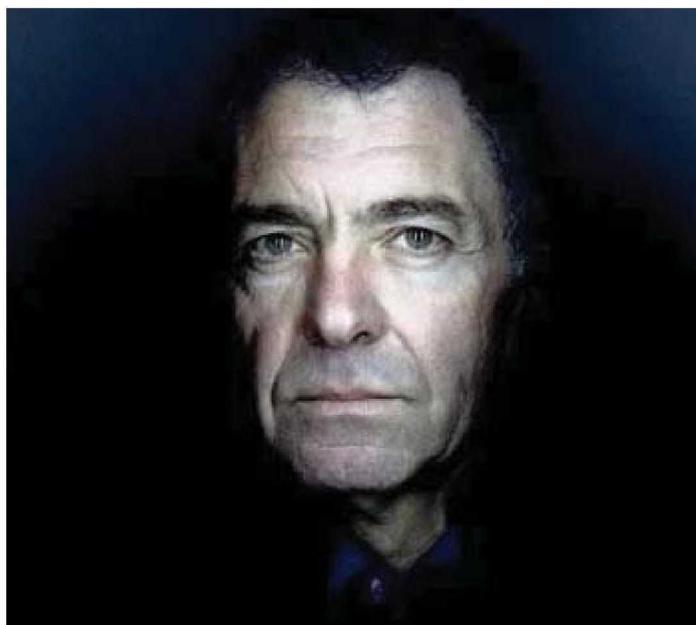
## Gilles Lipovetsky

### Hiperconsumo pode tornar-nos infelizes

» *João Pedro Vitória*

A sociedade de consumo já não existe: esta é a hora do hiperconsumo e o preço a pagar parece ser o da felicidade.

A ideia é defendida por Gilles Lipovetsky, 65, filósofo e pensador francês, ex-marxista, que marcou, ontem, na Fundação Gulbenkian, o primeiro dia da conferência



“O ambiente na encruzilhada – por um futuro sustentável”.

Lipovetsky sublinhou a ideia de que, numa sociedade em que tudo está hiperbolizado, se é certo que cada vez temos mais poder sobre “as coisas”, é inegável — embora digamos que não — que continua a escapar-nos o poder sobre a alegria de viver: “Pagamos muito caro o individualismo e o hedonismo, pagamos com ansiedade e com o mal-estar dos indivíduos. Somos uma sociedade de performance, de pressão, e as pessoas estão muito ansiosas e quando é assim, o que fazem? Antes iam à missa, mas hoje as igrejas estão vazias. O consumo é a terapia do indivíduo hipermoderno, o consumo vem compensar o mal-estar.

*Precisamos de políticas ecológicas para preservar o ambiente, mas precisamos também de uma ecologia do espírito, da existência.*

Mas o mal-estar permanece”. O filósofo, professor na Universidade de Grenoble e um percussor do conceito do hiperconsumo, afirma que

hoje tudo está acessível a todos: já não há barreiras de classe e, em última instância, o crédito possibilitará comprar o que desejarmos. Não é por acaso que deparamos com a forte expansão dos mercados de luxo, diz Lipovetsky, que nota, igualmente, a evolução dos mercados *low-cost*. Este consumo exacerbado mudou a nossa forma de viver e chegou à tradição e à religião: “O que é o Natal hoje? É uma festa consumista, mesmo hiperconsumista, uma verdadeira orgia de consumo”.

*Sem outros pólos de interesse, a bulimia do consumo não vai parar*

#### Felizes?..

Gilles Lipovetsky pergunta, então, o que diz tudo isto da felicidade dos indivíduos. Vivemos cada vez mais tempo e com aparente maior qualidade de vida e “oito ou nove em cada 10 europeus dizem que são felizes ou muito felizes”, um dado que não deixa de causar estranheza quando a verdade é que, “ao mesmo tempo, vivemos em ansiedade, as depressões cresceram sete vezes em trinta anos, o consumo de ansiolíticos não pára de aumentar, as tentativas e os suicídios crescem, por causa das novas exigências de performance que diminuem a auto-estima”.

O autor de “A Era do Vazio” concluiu que a Ciência e a Democracia têm o poder de aumentar a qualidade de vida objectiva, mas não fazem nada pela qualidade interior. A felicidade não cresce a partir de um determinado patamar de riqueza.

#### Um novo paradigma de Interesses

Feito o diagnóstico, impõe-se a pergunta: então, como podemos alterar este estado de coisas? Para Lipovetsky, a chave está na criação de um novo paradigma de interesses.

“Esta é talvez a outra missão da escola. O que é que pode conduzir os homens a não procurar a felicidade exclusivamente nas marcas? Eu acredito que são outros centros de interesse, como o trabalho, a criação, a intervenção cívica, a arte. Precisamos de políticas ecológicas para preservar o ambiente, mas precisamos também do que chamo de uma ecologia do espírito, da existência. Sem outros pólos de interesse, a bulimia do consumo não vai parar”.

O hiperconsumo, a terceira fase do capitalismo, segundo Gilles Lipovetsky, não será um modelo eterno. Mas também ainda agora começou.